

WILLA CATHER E AS PARAGENS DO FEMININO

Nathalia Bezerra da Silva Ferreira¹

Resumo: A escritora estadunidense, Willa Cather, possui uma vasta produção literária. Nessa produção, destacam-se personagens femininas que estão à frente seu tempo. A representação feminina em Cather do início do século XX, apresenta-nos mulheres que estão em um processo contínuo de formação de suas identidades e que não aceitam mais seguir estereótipos que a sociedade patriarcal impõe. Essas mulheres são fortes e acreditam que é a partir do seu esforço, do seu próprio trabalho, que se dá na maioria das vezes com a terra, que poderão exercer sua independência, de agirem conforme seus desejos. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar a representação feminina em *Minha Ántonia* (2003) e em *O Pioneers!* (1946). Para tanto, utilizaremos como referencial teórico, *O Segundo Sexo* (1960), de Simone de Beauvoir, *Teoria feminista e as filosofias do homem* (1995); de Andrea Nye.

Palavras-chave: Representação Feminina. Identidade. Telurismo. Willa Cather.

Abstract: The American writer Willa Cather has a vast literary production. In her production, it highlights female characters who are ahead their time. Women's representation in Cather's early twentieth century, shows us women who are in a continuous process of forming their identities and do not accept follow patriarchal stereotypes that society imposes. These women are strong and believe that it is from their effort, their own work, which occurs most often with the land, that they may exercise their independence, acting according to their wishes. Thus, this study aims to analyze the female representation in *Minha Ántonia* (2003) and *O Pioneers!* (1946). Therefore, as a theoretical reference, *O segundo sexo* (1960) by Simone de Beauvoir, *Teoria feminista e as filosofias do homem* (1995) by Andrea Nye.

Key words: Female representation. Identity. Telluric. Willa Cather.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Pós-Graduada em Literatura e Formação de Leitores pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Graduada em Letras/Inglês pela mesma instituição de ensino. Professora de Língua Inglesa na Secretaria de Educação do Estado do Ceará-SEDUC

CONSIDERAÇÕES SOBRE WILLA CATHER

Willa Cather nasceu no estado da Virgínia no ano de 1873 e é considerada uma das mais importantes romancistas dos Estados Unidos. Em sua vida profissional trabalhou como professora de inglês e latim em escolas municipais. Cather frequentou a faculdade estadual em Lincoln no período de 1891 a 1895, período em que começou a escrever artigos para o *State Journal*; nesse período, escrevia cada coluna por apenas um dólar, mas escrevia muitas para poder se manter. É trabalhando no *State journal* que Cather inicia sua vida literária.

O início da vida literária de Cather foi tardia. Aos 30 anos ela publica o seu primeiro livro, *April Twilights* (Crepúsculos de Abril). Dois anos depois, no período em que trabalhava como redatora chefe na McClure's Magazine, publica *The Troll Garden* (O Jardim Secreto).

Embora Cather tenha começado escrever tardiamente, ela publicou várias obras. Entre elas destacam-se o seu primeiro romance publicado no ano de 1912, *Alexander's Bridge* (A Ponte de Alexandre), em forma de folhetins periódicos na *McClure's Magazine*. Neste mesmo ano pede demissão e passa a se dedicar exclusivamente à sua carreira literária, publicando *O Pioneers!* (Pioneiros) em 1913, que é considerado o seu primeiro grande romance. Publicou ainda: *The Song of the Lark* (1915), *My Antonia* (1918), *One of Ours* (1922) livro pelo qual recebeu o Prêmio Pulitzer. Além desses, a romancista norte-americana publicou também: *Death Comes for the Archbishop* (1927) e *Safira and the Slave Girl* (1935). Willa Cather tem através do poeta Wallace Stevens o reconhecimento de seu trabalho: "We have nothing better than she is. [...]" (OAKES, 2004, p. 73)². A autora faleceu em 1947 aos 73 anos em Nova York de uma hemorragia cerebral.

O TELURISMO NA OBRA DE WILLA CATHER

Ao longo de sua obra literária, Willa Cather mostra ao leitor a relação que tinha com a terra. Assim, o telurismo constitui-se como característica recorrente em sua obra. Conforme o Dicionário *Novo Aurélio* (1999), telurismo significa a "influência do solo nos costumes, caráter, etc.; dos habitantes". O solo, a terra, sem dúvida a influenciaram transbordando de sua vida pessoal para a sua obra literária. Sobre sua relação com a terra, sobre o sentimento que sentia sobre sua

² "[...] Nós não temos nada melhor do que ela. (Tradução Nossa)

cidade natal Cather, certa vez, disse: “Sempre que eu atravessava o Rio Missouri para entrar em Nebraska, até o cheiro do solo me estilhaçava... Sentia ganas de instalar-me naquelas paragens e me pôr a escrever.” (GHENT, 1964, p.10). A terra, assim, é tida como fonte de inspiração para a autora.

Em *The Wild Land* (A Terra Selvagem), primeira parte do romance *O Pioneers!* (1946), podemos perceber a presença da terra e, ao descrevê-la, a autora torna evidente a importância do telúrico em suas narrativas, como observamos no trecho a seguir: “(...) But the great fact was the land itself, which seemed to overwhelm the little beginnings of human society that struggled in its sombre wastes. [...] the land wanted to be let alone, to preserve its own fierce strength, its peculiar, savage kind of beauty, its uninterrupted mournfulness”³. (CATHER, 1913, p. 15)

Já na primeira vez que o narrador se refere à terra, pode-se perceber a importância que esta terá no desenvolvimento do romance. Assim sendo, em todo *O Pioneers!* (1946) o telúrico mostra-se como uma das principais características do romance, refletindo-se não apenas no narrador, mas também na personagem principal do romance, Alexandra. É principalmente através dela que o telurismo toma forma, pois Alexandra, assim como Willa Cather, também expressa uma forte ligação com a terra, como pode ser observado no final de *The Wild Land*:

[...] She had never known before how much the country meant to her. The Chirping of the insects down in the long grass had been like the sweetest music. She had felt as her heart were hiding down there, somewhere, with the quail and the plover and all the little wild things that crooned or buzzed the sun [...] ⁴ (CATHER, 1913, p. 71.)

Linhares Filho (1997), ao analisar a presença do telurismo na poesia de Miguel Torga, afirma que “O Homem e a terra são inseparáveis” (p. 138). Para ele, não há como desvincular um elemento do outro, pois a Bíblia é quem os uniu ao chão, não os permitindo assim, o nosso afastamento da terra.

A criação do ser humano, segundo a Bíblia, aborda a relação desse ser com a terra: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o

³ “Mas o grande fato era a própria terra, que parecia esmagar aquele pequeno início de sociedade humana que lutava no sombrio ermo. [...] a terra queria estar sozinha, para preservar toda a sua força, sua peculiaridade, sua beleza selvagem, sua permanente tristeza.” (Tradução Nossa)

⁴ “Ela nunca percebera antes o quanto que a terra significava para ela. O gorjeio dos insetos no alto capim lhe parecia como a mais doce das canções. Sentia-se como se o seu coração estivesse ali, em algum lugar, com as codorniz e à tarambola e todas as coisas selvagens que cantavam ou zuniam ao sol.” (Tradução Nossa)

homem tornou-se alma vivente” (Gênesis 2:7). Ao ser criado do pó da terra, o ser humano é a ela ligado, não cabendo a ele de forma alguma a separação, tendo em vista que é parte dela.

Essa relação de ligação do ser humano com a terra, em *O Pioneers!* (1946), toma forma a partir de Alexandra. Logo após a morte de seu pai, os irmãos dela pretendem vender as terras que pertencem a família para irem embora do sudoeste norte-americano, fugindo daquelas terras que até então ainda não eram férteis. Havendo ausência de fertilidade do solo, não há como se trabalhar na terra, nessa região a garantia da sobrevivência se dá através do trabalho com o solo. Mas Alexandra não desiste de lutar com a terra, conseguindo fazer também com que seus irmãos não desistam. Ela age dessa forma porque diferentemente de seus irmãos, com ela há uma relação de ligação muito forte com a terra que não a permite se separar dela.

O telurismo, característica recorrente na obra de Willa Cather, não está presente apenas em uma obra da autora, em *A morte vem buscar o arcebispo* (1927), romance que narra a chegada de dois padres franceses ao sudoeste dos Estados Unidos com a missão de preservar a fé cristã numa região dominada pela cultura indígena. Percebe-se no romance a intensidade com a qual a terra é descrita, estabelecendo uma relação simbiótica com as personagens. É importante ressaltar, porém, que há diferenças no modo em que índios e franceses relacionam-se com a terra, uma vez que, para essas culturas tão diferentes, ela assumirá valores específicos. Os índios têm uma relação harmoniosa com a natureza, utilizando-a apenas conforme o necessário para a sua sobrevivência. Para os franceses, por outro lado, a terra é vista como forma de obtenção de poder, de domínio, de colonização.

Ao descrever a saga dos padres franceses, Cather também narra a história do início da colonização do sudoeste norte-americano logo após a agregação do território aos Estados Unidos. Na jornada do bispo até a cidade de Santa Fé, a terra é mencionada pela primeira vez no romance:

[...] a paisagem se apresentava, em todas as direções, atestada de monótonas dunas de areia vermelha, pouco maiores que medas de feno e de forma muito semelhante à delas. Dificilmente seria de crer que, no raio de milhas quadradas abrangidas pelo olhar humano, pudesse haver tantas dunas uniformes e vermelhas [...] (CATHER, 1927, p.19)

Conforme Woodress (1987), Willa Cather precisava escrever um romance como *A morte vem buscar o arcebispo* (1927). Para ele, este romance é a culminância de uma vida inteira dedicada ao sudoeste norte-americano. Quando Cather deixa transparecer no romance essa dedicação àquela parte dos Estados Unidos, simultaneamente, ela deixa a obra ser inundada por

um notório sentimento telúrico, nitidamente observável nas descrições de paisagens feitas pelo narrador:

[...] O solo arenoso de planura estava ralmente mosqueado de juníperos e de grandes marcas de mato ralo e florido, de plantas cor de oliva que cresciam em ondas altas como um mar agitado, e que, naquela estação, se revestiam de uma alcativa de flores, amarelas como tojos ou alaranjadas como cravos de defunto. (CATHER, 1927, p.76)

Dessa forma, ao descrever a paisagem de forma tão minuciosa como faz, Cather confirma ainda mais o amor, o apego, a dependência à terra e a influência que essa exerce sobre ela, mostrando a terra não como algo distante, mas como parte dela mesma.

My Ántonia (2003), livro que segundo Bloom (2000) é uma de suas obras primas, é outro romance em que a recorrência do telurismo se torna evidente. O telurismo será identificado através das descrições da terra, de paisagens deslumbrantes, e também, através de Ántonia e de sua família que saem da Boêmia para nos Estados Unidos, onde compram uma propriedade e vão tentar se tornar ricos fazendeiros. Jim, o narrador do romance, quando ainda criança, logo após a morte de seus pais, muda-se da Virginia para o Nebraska, local onde residem seus avós. No caminho da estação de trem até a fazenda de seus avós, Jim, ao observar a paisagem ao seu redor, relata:

[...] Não conseguia ver nada senão terra: não era um território, mas a matéria de que os territórios são feitos. Não, não havia nada além de terra. [...] Se nunca chegássemos a lugar nenhum, não tinha importância. Entre aquela terra e aquele céu, sentia-me obliterado, riscado. (CATHER, 1918: 32)

Ao ter seu primeiro contato com aquela terra tão fascinante, Jim, imediatamente, começa a ser influenciado por ela, iniciando a ligação que será marcante na obra: a ligação humana com a terra.

Essa relação do ser humano com a terra em *My Ántonia* (2003) toma forma, principalmente, através da personagem Ántonia. A relação dela com o Nebraska, aquela região em que Jim e ela cresceram, é tão forte que, mesmo quando adultos, Jim a considera como um símbolo de toda aquela região, como podemos observar logo na introdução do romance: “Mais do que qualquer outra pessoa que lembramos, essa moça parecia significar para nós a região [...]” (CATHER, 1918, p. 23)

A descrição da paisagem será característica recorrente em grande parte do romance. A paisagem assumirá lugar de destaque na voz de Jim, que em muitas passagens do romance exalta a terra através de descrições:

Todas aquelas tardes de outono eram iguais, mas eu nunca me acostumei com elas. Até onde nossa vista alcançava, os quilômetros de capim acobreados estavam encharcados de uma luz solar mais forte e mais ardente aquela hora que em qualquer outro dia. Os louros milharais tingiam-se de um vermelho dourado, os montes de feno ficavam rosados e projetavam sombras cumpridas, (CATHER, 1918, p. 59)

A Família de *Ántonia*, os Shimerdas, tem uma forte relação com a terra. Em busca de possuírem suas próprias terras saem da Boêmia⁵ rumo ao Nebraska, percorrendo uma distância de aproximadamente 8.000 km. Essa enorme distância da terra natal irá favorecer o sentimento telúrico. A terra para eles representa poder, um dos motivos pelo o qual é extremamente valorizada. Temos assim, a demonstração do amor à terra, através do amor que dedicam a sua terra natal. Na lembrança dos Shimerdas, a Boêmia está sempre presente. *Ántonia* e o pai são os que mais sentem falta de sua terra, porém para os demais integrantes da família, a terra também assumirá um lugar de destaque.

Embora a Boêmia nunca seja esquecida por nenhum dos integrantes da família Shimerda, as suas novas terras têm também um grande valor para eles. É na nova terra que eles sonham em construir suas vidas, é através do trabalho com a nova terra, em um país estrangeiro, já que a Boêmia não oferecia perspectiva de crescimento para os Shimerdas, que sonham em conquistar riqueza.

Ao analisarmos os romances *O Pioneers!* (1946), *Minha Ántonia* (2003) e *A Morte vem buscar o arcebispo* (1985), de Willa Cather observamos que os aspectos que remetem ao telurismo se fazem presentes na obra da autora. Nesse cenário, percebe-se que essa ligação, muitas vezes, está atrelada a uma figura feminina, a exemplo da relação pessoal que tinha com a terra.

O FEMININO REPRESENTADO EM WILLA CATHER

Ao longo da história da literatura, observamos uma desvalorização da mulher no que diz respeito a autoria feminina. As escritoras foram, por muito tempo, menos valorizadas que os

⁵ Atualmente constitui-se parte da República Tcheca

escritores, não se permitia as mulheres o direito de escrever e, as que não obedeciam a essa regra imposta pela sociedade, eram silenciadas pela recusa de seus textos. Duarte (1997) relata o difícil caminho percorrido pelas escritoras, primeiro o de conseguirem publicar seus trabalhos e, depois, o de enfrentar as duras críticas que recebiam dos críticos literários, que não as valorizavam:

Mas, apesar de tudo e todos, algumas superaram os obstáculos escrevendo e publicando, num flagrante desafio à ordem que as restringia à esfera privada. E nesse momento outra e nova dificuldade tinha início: como enfrentar o público e a crítica, normalmente tão pouco receptivos para com os livros de autoria feminina. Mesmo aquelas que tivessem incentivo por parte da família, uma educação sólida e a oportunidade de publicar, a crítica se encarregava de mostrar que aquele não era seu lugar. (DUARTE, 1997, p.90)

Com essa recusa do texto escrito por mulheres, as personagens femininas que surgiram na literatura eram, na maioria das vezes, resultado do olhar masculino sob elas. Temos assim uma perspectiva que nem sempre corresponde à realidade, é nesse contexto que surgem registros de mulheres que seguem determinados estereótipos. A cerca dessa estereotipação das mulheres na literatura de autoria masculina, Ruth Silvano Brandão (1989), por sua vez, observa que o registro, ou seja, a representação que se tem na literatura da mulher, não é necessariamente um registro válido, já que é um registro tido a partir do outro: “A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher” (p. 17).

Sendo assim, só teremos esse real registro da mulher na literatura quando elas mesmas começam a falar de si. É a partir da visão que tem de si mesma que as mulheres dão vida à personagens que não são idealizadas, com um corpo perfeito, sempre prontas para o sexo, como diversas vezes encontramos nos registros masculinos. É como Lygia Fagundes Telles traz em seu romance *As Meninas* (1973), através da personagem Lião, quando a personagem diz que as mulheres sempre foram o que os homens diziam que elas eram, mas agora, era chegado o momento de dizerem o que são.

Quando a própria mulher passa a dizer o que é, a representação feminina deixa de ser algo distante da realidade, afastando-se, pois, de estereótipos. Na narrativa masculina a mulher aparece “sempre pronta a ser o desejo do desejo do herói” (BRANDÃO, 1987, p. 7) e, não para ser o que realmente é, não para realizar os seus próprios desejos.

As personagens femininas, retratadas por esses romances, são constantemente criadas dentro de um círculo, ou seja, essas personagens possuem uma quantidade limitada de realizações possíveis, geralmente ligadas ao casamento, maternidade, cuidado com a casa, etc. Além dessas perspectivas, resta ainda a possibilidade de vida à margem da sociedade como afirma Brandão: “O que se pode perceber é um jogo de espelhos onde à personagem feminina cabem duas soluções: ou

refletir a imagem masculina, metonímica e metáfora de uma ideologia opressora, ou perder-se no vazio da loucura e da marginalização” (BRANDÃO,1987 63)

A escritora norte-americana, Willa Cather, em obras como *O Pioneers!* (1946), apresenta personagens femininas diferentes dos estereótipos que são constantemente associados às mulheres. Personagens que são fortes, independentes e que não estão preocupadas em cumprir desejos alheios. Observa-se, assim, uma dualidade da representação feminina na obra da autora. Esse paradoxo se apresenta como algo que se assemelha à realidade, tendo em vista que na sociedade, de forma geral, sempre houve mulheres que lutam por melhorias nas relações de gênero. Entretanto, sempre haverá também mulheres que não demonstram esse mesmo desejo. Dessa forma, Willa Cather apresenta personagens femininas como Alexandra que não existe apenas em função do outro (um ser masculino), ao contrário, tem vontade e opinião próprias. Vive para realizar os seus próprios desejos e não os desejos alheios, algo que estava bem à frente do tempo da publicação do referido romance.

Alexandra é uma personagem que possui determinação para o sucesso, mesmo trabalhando com terras difíceis, ela persiste em sua luta para que possa ao final obter um resultado positivo de seu trabalho; possuidora de uma personalidade forte, característica considerada como exclusiva do sexo masculino. Essas características de Alexandra são físicas e temperamentais. Físicas pela descrição que é dada a ela, no início do romance, quando ela ainda era uma criança. Nesse, momento Alexandra é descrita como forte, alta. Já seu amigo Carl é descrito como o oposto de Alexandra, frágil, com um rosto fino, a sua boca é descrita como de muita sensibilidade para a boca de um homem. Temperamentalmente, Alexandra e Carl são descritos ao inverso. Alexandra é mais independente e ativa; sendo assim, o oposto de Carl. Ao criar personagens com características opostas do que a sociedade sugere para o ser feminino e o ser masculino, Willa Cather quebra “padrões” e sugere novas possibilidades para ambos os sexos. Essa força “masculina” que Alexandra possui é, de acordo com Woodress (1985, p.245), a mesma que Willa Cather possuía. Assim, a autora aproxima a personagem às características comuns à ela e ao seu sexo.

A narrativa de *O Pioneers!* (1913) inicia-se no final do século XIX, aproximadamente em 1890, numa volta a aproximadamente trinta anos atrás do tempo da narrativa. Nesse período Alexandra ainda é uma garota, porém, ao ser descrita pela primeira vez pelo narrador, já mostra que tem algo de diferente: “His sister was a tall, strong girl, and she walked rapidly and resolutely, as if

she knew exactly where she was going and what she was going to do next.”⁶ (CATHER, 1946, p. 6). Alexandra, assim, já se revela como uma garota que carrega consigo uma força e resolução que lhe é de certa forma inata. Ela não procura agir de forma a demonstrar sua força, pois ela já o faz de forma natural.

Alexandra é uma mulher independente, que após a morte de seu pai, mesmo tendo irmãos, ou seja, homens que poderiam assumir o controle das terras, é quem toma a frente. É o próprio pai dela que reconhece que ela será melhor administradora da fazenda da família que os irmãos. A personagem é, sem dúvidas, a primeira de uma série de Cather que terá essa força e independência.

Alexandra acostumou-se a ser independente e a pensar por si mesma, em alguns momentos, demonstra ter certo medo a respeito da opinião de seus irmãos, mas após tantos anos agindo dessa forma ela não consegue mais mudar, como ela mesma declara na segunda parte do livro *Neighboring Fields* (Os Campos Vizinhos): “Perhaps they think me too independent. But I have had to think for myself a good many years and am not likely to change” (Cather, 1946, p. 118)⁷. Ao declarar que se acostumou a pensar por si mesma, a personagem reforça a ideia de que é uma mulher que estava à frente de seu tempo, não se enquadrando, pois, no estereótipo tido como o “padrão” de comportamento para uma mulher.

No mesmo romance, Willa Cather apresenta outra personagem feminina de destaque. Essa personagem, porém, possui características opostas às de Alexandra. Enquanto Alexandra aceita sua independência e a valoriza, Marie se mostra frágil e dependente.

Marie é uma mulher casada que não está feliz com o seu casamento e acredita que seu casamento não vai bem porque ela não é o “tipo de mulher certa” para o seu marido, Frank Shabata. Através dela, podemos observar que, embora também tenha suas vontades, que pense por si mesma, ela ainda carrega certa culpa por isso. Sem dúvidas seria mais cômodo para ela se não fosse voluntariosa, que fosse exatamente como a mulher que ela acredita que Frank precisa ter ao seu lado. Como ela não consegue agir dessa forma, encontra a culpa nela mesma. Para Marie, seu marido precisa de outro tipo de mulher. Tipo que, por mais que tente, não consegue ser: “[...] The

⁶ A irmã dele era uma garota alta e forte, e caminhava rápida e resolutamente, como se soubesse exatamente onde estava indo e o que iria fazer depois. (Tradução Nossa)

⁷ “Talvez eles me julguem independente demais. Mas há muito tempo eu me acostumei a pensar por mim mesma, e não é provável que eu mude”. (Tradução Nossa)

trouble is you almost have marry a man before you can find out a sort of wife he needs.” (CATHER, 1946, p. 197). Mesmo culpando a si mesma, a personagem consegue perceber que os moldes do casamento de sua época não são adequados para o sexo feminino.

Marie, diferentemente de Alexandra, é a mulher criada dentro dos moldes de uma sociedade patriarcal e, que por mais que queria, não consegue se libertar desse sistema patriarcalista. Embora Marie, esteja apaixonada por outro homem, Emil, ela não tem coragem de se libertar: “[...] Her own case was clear. When a girl had loved a men, and then loved another while that man was still alive, everybody knew what to think about her.”⁸ (CATHER, 1946, p. 249). Marie se mostra receosa com o pensamento dos outros sobre a sua vida. Ela não consegue lidar com os julgamentos que receberia por estar apaixonada por outro homem.

Andrea Nye (1995), ao analisar o existencialismo de Beauvoir, afirma que na visão existencialista a mudança da mulher na sociedade é algo que acontece a partir de cada uma. É um processo de liberação que depende unicamente da posição em que cada mulher se colocará diante da opressão que sofre: “uma liberação existencialista era individual, uma questão de vontade e escolha individuais” (p. 119). Nye (1995) ainda analisa que para que essa opressão acabe, é necessário que a própria mulher inicie um processo de quebra de estereótipos. Dessa forma, as personagens analisadas diferem entre si, já que uma consegue superar o estereótipo e a outra não, mesmo vivendo no mesmo momento histórico e estando inseridas no mesmo espaço.

Beauvoir (1960) , afirma que toda forma de opressão é em parte culpa da “má fé” do opressor e em parte culpa pelo consentimento do oprimido. Alexandra não permite essa opressão imposta pela sociedade às mulheres, já Marie é conivente com a “má fé” do opressor.

Em *My Ántonia* (2003), tem-se, mais uma vez, personagens femininas em destaque. Porém, desta vez, temos a autora escrevendo a partir da perspectiva de um narrador. Jim narrará o romance através do seu ponto de vista. O próprio título do romance já remete a isso. Jim após escrever o romance pensa sobre o título escolhe primeiramente Ántonia, mas percebe em seguida que Minha Ántonia ficará melhor, uma vez que o que traz em seu romance não é exatamente a realidade, mas sim suas lembranças, a idealização que tem da personagem.

Ántonia, desde criança demonstra, assim como Alexandra, uma força. Ela é a que mais se assemelha ao seu pai nos sentimentos em relação com a terra. Após a morte de seu pai, a família

⁸ “O seu próprio caso era claro. Quando uma moça tinha amado um homem, e depois amado outro enquanto aquele homem ainda estava vivo, todos sabiam o que pensar dela” (Tradução Nossa)

dela, liderada por seu irmão Ambrosch, passa por sérias dificuldades financeiras, porém é com a ajuda dela que conseguem superar esse problema. Ela passa então a ajudar seu irmão no duro trabalho com a terra: “Não tenho tempo para aprender. Posso trabalhar como homem agora. Minha mãe não pode mais dizer que Ambrosch faz tudo e ninguém ajuda ele. A escola é boa para meninos. Eu ajudo a fazer desta terra boa fazenda.” (CATHER, 1946, p. 128). Embora Ántonia sempre tenha demonstrado enorme vontade em aprender, em estudar, ela abdica desse desejo para ajudar a sustentar sua família. Ela deseja dividir as responsabilidades da casa, pois reconhece que isso não é uma tarefa somente do homem. Ela precisa ajudá-lo para que possam vencer as enormes dificuldades que enfrentam.

Passada a infância, Ántonia, como acontecia com a maioria das jovens de famílias de imigrantes, vai trabalhar na cidade, na casa dos Harling. Lá, ela desenvolve uma relação de afeição com a família. A relação de Ántonia com a família em que vive muda com a chegada de uma tenda de dança na cidade. Ela se fascina pela dança e pela liberdade que experimenta lá:

Ántonia não falava e não pensava noutra coisa senão na tenda. Cantarolava as músicas dançantes o dia inteiro. Quando o jantar estava atrasado, afobava-se com os pratos, deixava-os cair e quebrar em seu alvoroço. Ao primeiro chamado da música, tornava-se irresponsável. Se não tinha tempo para se vestir, simplesmente arrancava o avental e sumia pela porta da cozinha (Cather, 2003, p. 196)

Com o passar do tempo, a sua situação na casa fica insustentável ao ponto de o Sr. Harling pedir para que ela escolha entre a tenda ou o trabalho. Para ela não há o que pensar, embora ela goste de seu trabalho, a sua independência fala mais alto e ela opta por buscar outro trabalho, para poder assim, continuar a frequentar a tenda todas as noites como fazia: “– Parar de ir a tenda? – protestou, arquejante. - Isso nem me passa pela cabeça! Nem meu próprio pai me faria parar! O Sr. Harling não é meu patrão fora do meu serviço.” (Cather, 2003, p.198). Dessa forma, Ántonia reafirma sua independência, característica incomum à sua época. Além da independência, a Tenda pode ter outra significação para a vida de Tony, a representação de uma mudança de uma fase. Antes da chegada da Tenda, ela ainda tinha características de uma menina, brincava com as crianças que cuidava, com Jim e, a partir da descoberta da Tenda, Tony descobre-se como mulher.

Em sua nova fase, ela conhece Larry Donovan, que trabalhava como condutor de passageiros de trem, apaixonou-se por ele e não segue os conselhos de outras pessoas que não viam nele um bom marido. Desconsiderando as opiniões alheias, ela sai de Black Hawk para se casar com ele em outra cidade, mas ele a engana, usando todo o dinheiro que ela possuía, abandonando-a sem casar-se com ela. Tony, então, retorna para Black Hawk e, envergonhada por não ter se casado, esconde sua gravidez até o momento do nascimento da sua filha. Porém após o nascimento da

criança, ela tem uma postura muito além de seu tempo. Ela não se envergonha de sua filha e não tenta escondê-la. Como observamos através do pensamento de Jim: “outra moça teria mantido o bebê escondido, mas Tony, é claro, tinha de ter o retrato do seu em exposição no estúdio do fotógrafo da cidade, numa pomposa moldura dourada.” (CATHER, 2003, p. 275). Não esconder sua filha vai de encontro aos “padrões” da sociedade que era extremamente preconceituosa com moças que eram mães solteiras. Essa mulheres não eram vistas com bons olhos, tendo que viver à margem da sociedade que as excluía.

Outra personagem feminina que apresenta um comportamento diferente em *Minha Antonia* é Frances Harling. Frances é o braço direito do pai nos negócios da família. Essa aptidão para os negócios em uma mulher é visto como algo inusitado para a época:

[...] Frances, era uma pessoa muito importante em nosso mundo. Era a principal funcionária do pai, cujo escritório em Black Hawk praticamente administrava durante as frequentes ausências dele. Por causa da inusitada aptidão da filha para os negócios, ele era severo e exigente com ela. (CATHER, 2003, p. 150)

Essa “aptidão inusitada” de Frances é caracterizada pelo estereótipo que se tinha das mulheres. Às mulheres eram atribuídas características que não as desvinculavam da maternidade e do matrimônio. Frances, por sua vez, rompe com esse estereótipo, pois nos mostra características que não eram tidas como próprias do sexo feminino. Como essas características eram tidas como masculinas, Frances é comparada a um homem: “Frances era morena como o pai, e quase tão alta quanto ele. No inverno usava um casaco de pele de foca e um gorro, e ela e o Sr. Harling costumavam caminhar juntos para casa à noite, conversando sobre vagões de cereais e gado, como dois homens.” (CATHER, 2003, p. 151).

Isso se dá porque a construção social que se criou em torno da mulher não permitia que France tivesse um comportamentos como esses, sem necessidade de comparação com o sexo oposto. Mesmo depois de casada France continua a administrar os negócios da família. Agora, ao lado de seu esposo.

Ainda no romance *My Antonia* (1918), encontramos mais uma personagem que merece destaque. Lena Lingard é como Antonia, uma imigrante, que no Nebraska vive em uma colônia de noruegueses. Sua família também migra para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida e, para auxiliar sua família, ela vai para Black Hawk trabalhar como auxiliar de costureira. Com o passar dos anos ela consegue abrir seu próprio ateliê em Lincoln.

Quando ainda morava em Black Hawk, Lena já demonstrava um comportamento diferente das outras moças: “– Não quero me casar com Nick, nem com homem nenhum. – Murmurou Lena. – Vi um bocado da vida de casado, e ela não me agrada. O que quero é poder

ajudar minha mãe e as crianças em casa, sem ter de dar satisfação a ninguém.” (Cather, 2003, p. 162). Lena assume assim o seu desejo de independência.

Quando está em Lincoln, Lena tem uma vida diferente das demais moças. Ela tem um romance com Jim, mas esse fato não representa para ela um passo para um futuro casamento. Ela simplesmente aproveita o momento, não faz planos para o futuro, valorizando sua vida profissional como costureira bem sucedida. Ela pensa em melhorar a vida de sua mãe e de seus irmãos. Ajudar a sua família é um dos objetivos que ela sempre buscou: “Neste verão vou construir a casa para minha mãe, de que tanto falei” (CATHER, 2003, p. 245). Esses objetivos lançados por Lena são todos alcançados, sem que para isso ela precise de uma figura masculina ao seu lado.

Lena tem uma aversão ao casamento. Para ela, o casamento não é vantajoso para as mulheres, pois com o casamento tudo o que as mulheres conseguem é mais trabalho: trabalho em cuidar da casa, de cuidar de muitos filhos, já que os homens não estão dispostos a ajudar suas mulheres nessa tarefa árdua. E, além disso, para ela, com o casamento os homens passam a querer mandar em suas esposas, não sendo tão amigos quanto nos dias de namoro. Em Lincoln ela é pedida em casamento várias vezes por um Polonês rico, mas opta em permanecer só:

- Ora eu não vou me casar com ninguém. Não sabia disso?
- Tolice, Lena. É isso que as moças dizem, mas você sabe que não é assim. Toda moça bonita como você se casa, é claro.
- Ela sacudiu a cabeça.
- Não eu.
- Mas por que não? – insisti.
- Lena riu.
- Bem é principalmente porque não quero um marido. Os homens são ótimos como amigos, mas, assim que você se casa com eles, viram uns velhos ranhetas, até os desregrados. Começam a nos dizer o que é certo e o que não é, e querem prender-nos em casa o tempo todo. Prefiro ser desajuizada quando me dá na veneta e não ter de dar satisfação a ninguém. (CATHER, 2003, p. 263)

Este diálogo entre Lena e Jim mostra claramente a posição dela em relação ao casamento. Lena foge assim do que Simone de Beauvoir (1960) afirma ser o destino único da mulher: o casamento. Lena, assim, alcança o que sempre pretendeu para a sua vida, a independência financeira e a independência em relação ao gênero masculino, pois ela consegue ascender financeiramente, sem ter que necessitar de um casamento para isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as personagens femininas de Willa Cather, deparamo-nos com mulheres que estão à frente de seu tempo. Mulheres que, muitas vezes, estão intensamente

relacionadas com a terra, como ocorre com as personagens Alexandra e *Ántonia*. A obra de Willa Cather pode ser considerada de vanguarda, quanto a representação feminina, pois traz mulheres que não estão dispostas a seguirem “padrões” que lhe são determinados.

Essas personagens buscam fugir de estereótipos que lhe são lançados. Procuram caminhos que, por meio do próprio esforço e trabalho, possam alcançar seus objetivos sem dependência de uma figura masculina.

Willa Cather, no início do século XX, mostra através de sua própria experiência de vida e de suas personagens literárias, mulheres fortes e independentes que buscam descobrir uma nova identidade feminina. Essas mulheres procuram novas possibilidades para o ser feminino, o que a faz com que, ainda hoje, estejam em consonância com pensamento feminino contemporâneo. Willa Cather, assim, é uma escritora que se mantém atual e que precisa ser “descoberta” pelos leitores e críticos brasileiros.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Difusão Européia do Livro, 1960.

BLOOM, Harold (Editor). **Willa Cather Bloom's Major Novelists**. Chelsea House Publishers. 2000

BRANCO, Lúcia Castelo / BRANDÃO, Ruth Silviano. **A Mulher Escrita**. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial: LTC- Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989.

CATHER, Willa. **A Morte vem buscar o arcebispo**. Trad. José Paulo Paes. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Editora Guanabara. 1985.

_____**Minha *Ántonia***. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Códex, 2003.

_____**O Pioneers!**. 24ª Ed. The University Press Cambridge. 1946.

DUARTE, Constância Lima. **O cânone literário e a autoria feminina**. In **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Neuma Aguiar (org.) Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.1997.

GHENT, Dorothy Van. **Willa Cather**. São Paulo: Martins, 1964.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio – Século XXI –Dicionário da língua portuguesa**. 3ªed. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1999.

LINHARES FILHO. **O Poético como humanização em Miguel Torga**. Casa de José de Alencar/UFC. 1997.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

OAKES, Elizabeth H. **American Writers**. Nova York: Facts On File, 2004.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. 16^a Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

WOODRESS, James. **Willa Cather: A Literary Life**. University of Nebraska Press.1987.